

William Blake, poeta e visionário do século XVIII, afirmou: "Se as portas da percepção se abrissem, tudo apareceria como é". Esta frase ressoa profundamente na filosofia, na psicologia e na espiritualidade, questionando os limites da percepção humana e a capacidade de compreender a realidade em sua totalidade. Mas o que exatamente Blake quis dizer? E como essa ideia ecoa no pensamento contemporâneo?

A citação é extraída de *O Casamento do Céu e do Inferno* (1793), uma de suas obras mais enigmáticas e revolucionárias. Blake era um crítico ferrenho do racionalismo extremo e da visão mecanicista do mundo, predominante no Iluminismo. Para ele, os sentidos humanos são portas que filtram a experiência da realidade, e o que percebemos é apenas uma fração do que realmente existe.

O olhar sobre o mundo é condicionado por crenças, experiências e estruturas culturais que limitam a compreensão. Assim, Blake sugere que a realidade, em sua plenitude, nos é oculta por esses filtros perceptivos. Se as pessoas conseguissem romper essas barreiras – abrir as "portas da percepção" –, teriam acesso a um universo mais vasto e verdadeiro.

Essa ideia influenciou diversos pensadores e artistas ao longo dos séculos. O escritor inglês Aldous Huxley, por exemplo, utilizou a frase de Blake como epígrafe de seu livro *As Portas da Percepção* (1954), onde relata suas experiências com mescalina, uma substância psicodélica. Para Huxley, esses estados alterados de consciência permitiam vislumbrar uma realidade além da convencional, aproximando-se da visão espiritual do poeta.

Além da psicodelia, a citação de Blake dialoga com conceitos da fenomenologia, psicologia e até da física quântica. Filósofos como Maurice Merleau-Ponty investigaram como a percepção molda a experiência do mundo, enquanto Carl Jung explorou como arquétipos e o inconsciente influenciam a maneira de interpretar a realidade. Na física, teorias como a de múltiplos universos e a natureza probabilística da matéria sugerem que o que se percebe pode ser apenas uma camada da existência.

Mas quais são essas "portas" que impedem de ver a realidade como ela é? Pode-se identificá-las em diversos níveis:

Os sentidos humanos têm limitações. Apenas captam uma pequena fração do espectro eletromagnético e das vibrações sonoras, por exemplo.

As construções culturais, o modo como se aprende a interpretar o mundo, são influenciadas pela educação, sociedade e tradição. O que parece óbvio para uma cultura pode ser impensável para outra.

O ego e as emoções (medos, desejos e traumas pessoais) distorcem a visão da realidade. Apega-se a narrativas que reforçam as crenças, ignorando ou rejeitando o que as contradiz.

O tempo e o espaço passam por uma percepção linear, que pode ser apenas um modelo mental e não uma representação exata da realidade.

Se a visão de Blake estiver correta, então expandir a percepção significa libertar-se das ilusões e enxergar a verdade mais profunda do mundo. Mas como fazer isso? Algumas possibilidades incluem práticas contemplativas, arte e filosofia, ciência e tecnologia.

A frase de Blake convida a questionar se aquilo que se toma como realidade é, de fato, a verdade última. Talvez existam infinitas camadas da existência esperando para serem descobertas. Enquanto não se abrirem completamente as portas da percepção, permanece como prisioneiro das próprias limitações.

Assim, a busca pelo real é também uma busca pela expansão da consciência. Um desafio filosófico e espiritual que continua a fascinar a humanidade, buscando enxergar a realidade além do véu.

É por aí...

***Gonçalo Antunes de Barros Neto tem formação em Filosofia, Sociologia e Direito***